

# ORIENTAÇÃO SEXUAL COMO TEMA TRANSVERSAL\*

Ana Cristina Canosa Gonçalves<sup>1</sup>; Elsa da Silva Palhaes<sup>2</sup>

## SEXUAL ORIENTATION AS A TRANSVERSAL THEME

**Resumo:** Este artigo procura esclarecer sobre a proposta do Ministério da Educação do Brasil, que à partir do ano de 1997, através dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) sugere que todos os professores incluam em seus conteúdos pedagógicos, os temas: cidadania, ética, meio-ambiente, pluralidade cultural e orientação sexual. Entendendo a dificuldade dos professores de ensino fundamental para realizarem a transversalidade do tema sexualidade em suas disciplinas, criamos um material para auxiliar nas práticas pedagógicas específicas para as matérias: Matemática, Língua Portuguesa, Ciências, História, Geografia e Educação Física. Em anexo apresentamos alguns exemplos práticos que foram retirados dos Manuais *Crescendo na Sexualidade* - 3º e 4º ano.

**Palavras-chave:** Orientação sexual; tema transversal; educação.

**Abstract:** This article tries to explain about an proposal made by Brazilian Education Ministry (from 1997). According to the “*Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCNs)” all the teachers should talk about citizenship, ethic, environment issues, cultural diversity and sexual orientation in their pedagogic materials. Knowing how hard is to connect the theme sexuality in their disciplines, we created an auxiliary material with specifics pedagogic

---

\* Este artigo é baseado no capítulo introdutório dos Manuais *Crescendo na Sexualidade* (GONÇALVES, A.C.C.; PALHAES, E. da S. São Paulo: editora Sttima, 2005)

<sup>1</sup> Psicóloga. Terapeuta Sexual. Educadora Sexual. Coordenadora do curso de pós-graduação *lato sensu* em educação sexual do Centro Universitário Salesiano (UNISAL). Diretora de publicações da SBRASH (biênios 2003-2005/ 2005-2007). e-mail: [acanosa@uol.com.br](mailto:acanosa@uol.com.br)

<sup>2</sup> Pedagoga. Coordenadora Pedagógica da Rede Municipal de Ensino de São Paulo. e-mail: [elsa.palhaes@terra.com.br](mailto:elsa.palhaes@terra.com.br)

practices to the school subjects like Math, Portuguese, Sciences, History, Geografy and P.E.

Enclosed you will find some practical examples from growing sexuality manual for elementary school grades.

**Keywords:** Sexual orientation; transversal theme; education.

## Introdução

Foi ouvindo as queixas dos educadores por uma orientação mais clara e objetiva sobre como proceder segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), principalmente no que diz respeito ao trabalho com crianças, que criamos os Manuais *Crescendo na Sexualidade* (1º ao 4º ano do ensino fundamental)<sup>3</sup>, contemplando as diversas áreas do conhecimento com os conteúdos sobre sexualidade e sugerindo atividades práticas (exemplos em Anexo).

Entendemos a sexualidade como parte inerente à vida humana, muito além de seu componente genital, presente do nascimento até a finitude. Da mesma forma que o desenvolvimento motor, o cognitivo, sensorial, emocional, etc., o desenvolvimento sexual acompanha o crescimento do indivíduo, sempre inter-relacionando suas três (3) dimensões básicas: a biológica, a psicológica e a sócio-cultural. Isso significa dizer que não basta nascer fêmea/macho; ainda é preciso ter uma identidade genital (reconhecimento dos genitais), uma identidade de gênero (sentir-se ou não mulher/homem), processar os papéis sexuais que são modelados pela cultura e estão presentes na educação sexual intra-familiar (ter mais ou menos atributos considerados femininos/masculinos) e ainda dar-se conta do desejo, que pode ser heterossexual, homossexual, bissexual, com suas respectivas variações (ser predominantemente heterossexual com episódios de homossexualidade, por exemplo) (COSTA, 1994). Percebe-se que há uma certa complexidade na sexualidade humana que faz cada pessoa ser única, merecedora de atenção, compreensão e auxílio, em seu processo de crescimento. Por isso:

[...] é importante termos em mente que muitas vezes deve prevalecer, em alguns momentos da vida, sobretudo na infância, o trabalho dos conteúdos psico-sociais que envolvem a sexualidade humana, ou seja, os papéis sexuais, as relações de gênero, os relacionamentos, e principalmente a construção de uma auto-

<sup>3</sup> Atualmente estamos atualizando os Manuais para que contemplem a inclusão de mais um ano do ciclo básico do ensino fundamental e também escrevendo os Manuais para o segundo ciclo (referentes ao 5º, 6º, 7º e 8º ano), visando dar continuidade ao Projeto.

estima suficientemente boa para que o indivíduo, na vida adulta, exercite a sua sexualidade de forma prazerosa, saudável e responsável. (GONÇALVES, PALHAES, 2005, p. 11)

Quando sugerimos ações educativas em orientação sexual, o educador deve ter claro que seu trabalho não se restringe as explicações sobre o sistema reprodutor masculino e feminino, gravidez, nascimento, DSTs. Deve sim dar continuidade a propostas pedagógicas que já estão consolidadas e que também tem relação direta com a sexualidade humana: o reforço da auto-estima, o aprender a gostar de si, de sentir-se capaz de ser amado, amar e realizar projetos, idéias e alguns sonhos. Muitas vezes o educador não tem claro que já está auxiliando a integração das três dimensões básicas da sexualidade, quando provoca em seus alunos a reflexão sobre a formação da pessoa humana, sua importância para os outros e dos outros para consigo. Quando tenta extrair de seu aluno o melhor que ele demonstra, já o está auxiliando a legitimar-se como pessoa e ensinando-o a integrar-se paulatinamente nas suas relações sociais, sejam as familiares, as relações fraternas, as relações futuras de trabalho, etc.

Nosso maior entrave no desenvolvimento de ações educativas integradas em orientação sexual se deve ainda a uma certa resistência das instituições de ensino como um todo, principalmente no trabalho a ser realizado nos primeiros anos escolares. Vemos nessa triste realidade dois motivos principais. Um está diretamente relacionado ao mito da infância assexuada e um engano sobre a erotização precoce diante da informação sobre temas relativos ao sexo:

[...] O UNAIDS (Programa Conjunto das Nações Unidas em HIV/AIDS), realizou um estudo para avaliar o impacto da educação sexual sobre a vida sexual no comportamento dos alunos em termos de taxa de gravidez entre adolescentes, aborto, natalidade, doenças sexualmente transmissíveis e atividade sexual auto-relatada. Dentre outros aspectos mostrou que: o comportamento responsável e seguro pode ser aprendido; a educação sobre sexualidade e/ou HIV não estimula o aumento da atividade sexual; programas de qualidade ajudam a adiar a primeira relação sexual e a proteger os jovens das DSTs, da AIDS e da gravidez [...] (UNAIDS, 1999)

A segunda maior causa da omissão do tema sexualidade na educação infanto-juvenil, é a falta de preparo profissional para lidar com o assunto de modo geral, em especial com crianças que ainda não estão em idade de concretizar o envolvimento afetivo-sexual, mas que já se mostram curiosas para entender a diferença entre sexos, a transa, o namoro, o casamento, o divórcio, as relações entre pessoas do mesmo sexo, etc. Aqui cabe uma observação. O educador, sem formação, supervisão e apoio institucional acaba, muitas vezes sem

perceber, transmitindo valores com relação à sexualidade no seu trabalho cotidiano, inclusive na forma de responder ou não às questões mais simples trazidas pelos alunos (PCN, 1997). Refletir sobre seus conceitos e pré-conceitos é fundamental para que ele não multiplique posturas inflexíveis, preconceituosas e baseadas por vezes em experiências individualizadas e por outras em aprendizado errôneo. “Ao professor não cabe emitir juízo de valor sobre as atitudes e sim contextualizá-las” (PCN, 1997).

Da mesma forma que a criança pequena vai aos poucos aprendendo a ler e escrever delinea valores de convivência com o grupo social e familiar, interioriza regras perguntando aos pais sobre condutas que só os adultos tem, como o trabalho, dirigir o carro, sair à noite, etc., ela pode começar a compreender o que envolve o corpo e suas sensações, o que é ser homem e mulher, o que significa uma relação afetiva e sexual entre as pessoas, principalmente no que tange a respeitar e ser respeitado. Essas questões dizem respeito ao conteúdo emocional da sexualidade: quem mais eu amo, quem me faz bem, como uma palavra pode magoar alguém, que tipo de fantasia me excita, etc, como também se ampliam e se aplicam ao conteúdo biológico: como é o ciclo menstrual, como se dá a concepção, qual é o mecanismo do orgasmo, e fazendo parte desse complexo, as questões culturais de permitido, do tolerado, do proibido. Enquanto a criança vai compreendendo a relação sexual e suas conseqüências, amplia seu arsenal de conhecimento sobre as relações humanas e dá significado às suas emoções e sensações, inclusive as eróticas, que já estão presentes em sua vida de forma característica do universo infantil. Por ter sido a sexualidade um assunto envolto em mitos, crendices e tabus, os programas de orientação sexual restringiram-se ao modelo biológico, sem incluir questões ligadas ao prazer sexual, já que os educadores sentem receio de tocar no assunto. (GONÇALVES, PALHAES, 2005, p. 14).

Nossa proposta é que o comportamento sexual também pode ser aprendido. De fato, mesmo que ninguém nos ensine que determinadas partes do nosso corpo geram prazer, possivelmente descobriremos isso de forma natural, já que a exploração do corpo e suas funções são determinantes para o crescimento. No entanto, sabemos também que o entendimento de um “ser sexual” depende de aprendizado. Afinal a sexualidade se mostra primeiro como **sensação** (prazer do corpo), depois **emoção** (como eu me sinto diante da sensação, se é algo *bom ou ruim*), para em sua última fase ser **pensamento** (*se alguém me pegar tocando meu corpo eu poderei ser punido, logo eu não devo mais fazer isso*). Esse *saber sexual* é construído aos poucos, principalmente através nos sinais e linguagens que a família e a sociedade vão dando (ou não)

à criança sobre suas sensações. Aqui é que a informação sobre sexualidade dos educadores para seus alunos pode ser fator fundamental: na possibilidade para que eles expressem suas emoções positivas e negativas diante das sensações corporais, no auxílio do entendimento da criança das suas emoções, principalmente quando elas se apresentam negativas e estão relacionadas a sensações naturais; a resignificação dos conceitos aprendidos em casa; a ponte com a família, no esforço de fazer um trabalho conjunto, ajudando os pais e cuidadores a naturalizar o comportamento sexual infantil e aprender quando se faz necessária a interferência ou a busca da ajuda profissional.

Geralmente os trabalhos que são realizados em orientação sexual empreendem esforços a partir do 4º ano do ciclo básico do ensino fundamental, sendo mais frequentes do 5º ano do segundo ciclo em diante. Isto porque as crianças nessa fase já demonstram interesse pelo envolvimento amoroso de forma mais explícita, embora pueril. É o início das cartas de amor, os primeiros enlases das mãos no intervalo das aulas, beijos e “namoros”. Além disso, nessa etapa a criança consegue compreender melhor os vários aspectos que envolvem o relacionamento afetivo, como a família, os limites sociais, etc. Portanto é esclarecendo dúvidas e introduzindo reflexões possíveis de entendimento que a orientação sexual no ensino fundamental se faz necessária.

[...] Assim, como indicam inúmeras experiências pedagógicas, a abordagem da sexualidade no âmbito da educação precisa ser explícita, para que seja tratada de forma simples e direta; ampla, para não reduzir sua complexidade; flexível para permitir o atendimento a conteúdos e situações diversas; e sistemática, para possibilitar aprendizagem e desenvolvimento crescentes. (PCN, 1997)

Sendo assim, quando o púbere começar a sentir as mudanças em seu corpo, sentimento e pensamento, saberá com mais tranqüilidade que o tempo para o namoro está chegando e que muitas são as responsabilidades emocionais e corporais geradas do envolvimento amoroso, e que é possível retirar prazer destas sem problematizações.

O projeto *Crescendo na Sexualidade* surgiu para auxiliar os educadores a inserirem temas relativos a sexualidade de forma transversal, ou seja, relacionando-os aos conteúdos pré-estabelecidos para o ano escolar. Cada ano escolar tem um Manual próprio que sugere atividades ligadas aos conteúdos, tendo em vista a capacidade cognitiva e o entendimento de cada aluno, sempre levando em conta o trinômio: informação-formação-prevenção (GONÇALVES, PALHAES, 2005, p. 17). Nos 4 Manuais há justificativas teóricas para incluir a orientação sexual nos primeiros anos do Ciclo Inicial; sendo que cada um aborda de modo geral como é a criança naquela fase,

em suas várias dimensões, inclusive a sexual e o que é comumente trabalhado naquele ano nas escolas. Muitas atividades sugeridas em um Manual podem ser adaptadas para outra série, desde que sigam linha coerente de entendimento e possibilidade de absorção da criança. Também, principalmente nos primeiros anos do Ciclo Inicial, os conteúdos se repetem, sendo reforçados a cada ano com inclusão de outros conceitos que se somam. Por isso, muitas vezes há repetição de idéias que vão se ampliando na medida que o arsenal cognitivo da criança se alastra. Se uma criança pequena entende que “os bebês estão na barriga da mãe”, um pouco mais velha ela consegue compreender que “os bebês são formados pela semente do pai e da mãe” e ainda mais adiante que “os pais namoram e às vezes fazem bebês através do encontro de suas sementes; o bebê cresce e se desenvolve durante nove meses dentro da barriga da mãe”. Em todo texto há lembretes, na forma de símbolos, em todas aquelas questões que mais freqüentemente são distorcidas pelos educadores, geralmente resultantes de um forte e enraizado preconceito social e notas onde houver brecha para o trabalho com a sexualidade. Em seguida, os Manuais passam a sugerir possibilidades de intervenção, descrevendo genericamente o que é desenvolvido em cada disciplina e sugerindo atividades e idéias que incluem a orientação sexual como tema transversal. Cada atividade é acompanhada de um ou mais faróis de trânsito acesos na luz verde, vermelha ou amarela, dependendo do Bloco de Conteúdo que aquela atividade está trabalhando:

- C) Bloco 3 – Prevenção à DST e Abuso Sexual : vermelho
- A) Bloco 2 – Relações de gênero e Relacionamento: amarelo
- B) Bloco 1 – Corpo: verde



Ao final dos Manuais há uma seção de Dicas, sobre alguns comportamentos comumente observados em escolas, no que diz respeito à sexualidade infantil. Bibliografia e material educativo recomendado para o trabalho com crianças; livros sugeridos para o educador na Bibliografia consultada, Telefones e sites de atuação nacional que auxiliam em orientação sexual. Também o contato “Fale com as autoras” para ajudar a esclarecer dúvidas e sugerir caminhos.

Chegaremos lá, caminhando como todo ser humano, respeitando o ritmo de cada um, tentando realizar a transversalidade para que a sexualidade seja considerada, pelas escolas, parte integrante e importante da vida das crianças e jovens do Ensino Fundamental: É preciso começar...

## Referências bibliográficas

- BELLUCCI, M. E.; CAVALCANTE, L. G. **Integrando o aprender**. São Paulo: editora Scipione, 1993.
- COSTA, R.P. **Os onze sexos**. 3 ed. São Paulo: Gente, 1994.
- GONÇALVES, A.C.C.; PALHAES, E. da S. **Manual Crescendo na Sexualidade, 3º e 4º ano**. São Paulo: Editora Sttima, 2005.
- MEIRELLES, M.de L.; MIRANDA, M. de L. **Construindo a Matemática**. Belo Horizonte: Dimensão, 1993.
- MENEGUELO, M. **De olho no futuro**. Ciências 4. São Paulo: Quinteto, 1996.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO - SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL - **Parâmetros Curriculares Nacionais – Orientação Sexual**. Outubro, 1997.
- PROGRAMA CONJUNTO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA HIV/AIDS (UNAIDS). **As crianças e o HIV/Aids**. Informativo UNAIDS, abril de 1999.
- SCHMIDT, D. **Historiar 2. Fazendo, contando e narrando história**. São Paulo: Ed. Scipione, 2001.

## Bibliografia consultada

- AQUINO, J. G. **Sexualidade na escola**. São Paulo: Summus, 1997.
- BEE, H. **A criança em desenvolvimento**. Porto Alegre: Artmed, 1995.
- CONSTANTINE, L. L.; MARTINSON, F. M. **Sexualidade Infantil**. São Paulo: Roca, 1984.
- EGYPTO, A. C. (org) **Orientação sexual na escola**. São Paulo: Cortez, 2003.
- GTPOS. **Sexo se aprende na escola**. São Paulo: Olho d'água, 1995.
- GTPOS; ABIA; ECOS **Guia de orientação sexual – diretrizes e metodologia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.
- LAPATE, V. **Educando para a vida, sexualidade e saúde**. São Paulo: Sttima, s/d.
- MARTOS, C. R. **Viver e Aprender**. São Paulo: editora Saraiva, 2000.
- OLIVEIRA, Z. M. R. (org) **A Criança e seu desenvolvimento**. São Paulo: Cortez, 2000.
- PEREIRA, D. **Paisagens, lugares e espaços: a geografia no ensino básico**. Apostila do Curso de capacitação para professores representantes das escolas de ensino fundamental do Sistema Municipal de educação. São Paulo, s/d.
- PIAGET, J. & INHELDER, B. **A Psicologia da Criança**. Rio de Janeiro: Difel, 1978.

- PINTO, E. B. **Orientação sexual na escola**. São Paulo: Gente, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Sexualidade, um bate-papo com o Psicólogo**. São Paulo: Paulinas, 2001.
- PMSP/SME. **Visão de área. Movimento de Reorientação Curricular** (*in* COORDENADOR PEDAGÓGICO - Identidade em construção) USP, São Paulo, 1996, (p. 15 – 21).
- PROJETO PREVENÇÃO TAMBÉM SE ENSINA. **A prevenção na escola** – relatos de experiências. São Paulo: Secretaria da Educação 2000.
- SILVA, S.P. A razão e a emoção: na correspondência entre professora e alunos. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**. Vol 9. Nº 2, 1998, p. 143-158. São Paulo: Editora Iglu, 1998.
- SMOLKA, A. L. B. **A criança na fase inicial da escrita**. Campinas: Unicamp, 2001.
- VITIELLO, N. **Sexualidade: quem educa o educador**. São Paulo: Iglu editora, 1997.
- WINNICOT, D. W. **Tudo começa em casa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

**Anexo – Algumas atividades sugeridas nos Manuais *Crescendo na Sexualidade***  
(editora Sttima, 2005)

**Língua Portuguesa: Atividade 2.1 Cantigas de Roda – 4º ano (GONÇALVES, PALHAES, 2005, P. 48)**

**Nesta Rua**

Nesta rua, nesta rua  
Tem um bosque  
Que se chama, que se chama  
Solidão;  
Dentro dele, dentro dele  
Mora um anjo  
Que roubou, que roubou  
Meu coração.[...] (In: GONÇALVES, PALHAES, 2005, p. 48)

**Teresinha de Jesus**

Teresinha de Jesus  
De uma queda foi ao chão;  
Acudiram três cavalheiros,  
Todos de chapéu na mão.

O primeiro foi seu pai,  
O segundo seu irmão,  
Terceiro foi aquele  
Que a Teresa deu a mão.

[...]

Da laranja, quero um gomo,  
Do limão, quero um pedaço,  
Da (nome da pessoa), quero um beijo,  
Da (nome de outra pessoa), um abraço.

As cantigas de roda são antigas e fazem parte da sabedoria popular. Tem autoria desconhecida e são transmitidas oralmente na família, nas festas e brincadeiras escolares. Sua utilização em sala de aula é bastante comum. Para o trabalho em orientação sexual, sugerimos a seguinte possibilidade de intervenção:

O professor pode **reproduzir as cantigas** fazendo com que os alunos cantem juntos e brinquem de roda. Depois sugere a escrita da cantiga, ensinando a forma como os poemas são redigidos e explorando a gramática portuguesa relativa aos conteúdos da 4ª série. Nesta atividade cabem bem os estudos sobre os Encontros Vocálicos: Ditongos, Tritongos e Hiatos (BELLUCCI; CAVALCANTE, 1993, p. 12).

Além disso, estudando ainda essas duas cantigas, o educador aborda a Orientação sexual, principalmente no segundo Bloco de Conteúdo, no que se refere aos relacionamentos:



- ❑ Durante toda a vida, podemos construir uma imensa variedade de vínculos amorosos;
- ❑ existem diferentes formas de sentir e expressar amor por outra pessoa;
- ❑ gostar de si mesmo favorece relacionamentos amorosos;
- ❑ as pessoas são capazes de dar e receber amor;
- ❑ amor implica também responsabilidades;
- ❑ o amor entre duas pessoas pode levá-las ao casamento;
- ❑ em nosso País, as pessoas decidem com quem querem se casar;
- ❑ casamentos e uniões estáveis requerem esforços de ambas as partes;

**Geografia. Atividade 1. Trabalho com pontos cardeais - 4º ano** (GONÇALVES; PALHAES, 2005, p. 70)



Ao explicar os pontos cardeais (Norte, Sul, Leste e Oeste) e também os colaterais (Nordeste, Sudeste, Sudoeste e Noroeste), sugerimos que o professor faça uma brincadeira de orientação dentro do ambiente escolar. Subdivididos em grupos, os alunos, em espaço amplo (quadra, recreação, etc) escondem uma pergunta escrita em papel sulfite e que tenha co-relação com a questão pedagógica, e anotam a localização do esconderijo, com o auxílio de uma

bússola, a partir do marco “zero”. Cada grupo faz seu esconderijo, em locais diferentes ou no mesmo local, acompanhado pelo professor, um por vez.

Ao comando do professor, todos os grupos vão procurar um dos esconderijos, com o uso de uma bússola e com as orientações feitas por cada grupo. Então, o Grupo A entrega para o Grupo B sua orientação, que por sua vez entrega ao Grupo C, e assim por diante.

O grupo que conseguir encontrar primeiro a pergunta escondida ganha 4 pontos, o segundo 3 pontos, o terceiro 2 pontos e o último 1 ponto (para o caso de 4 grupos).

A seguir, todos devem voltar à sala de aula e os grupos, reunidos, discutem um pouco a pergunta encontrada (sem consulta) e a melhor resposta para ela. Depois de um certo tempo de discussão cada grupo deverá responder a pergunta e caso o faça corretamente, ganharão 5 pontos, caso esteja incompleta, 3 pontos e se não for respondida, 0 pontos. O grupo vencedor deve ser agraciado com um *presente*, que pode ser livros, lápis de cor, balas, etc.

Sugerimos, para iniciar a inclusão da Orientação Sexual, as seguintes questões:

- A) Onde costuma fazer mais calor em nosso País? Nos estados do Norte ou do Sul?
- B) O Noroeste é representado pelas letras NO ou pelas letras NE?
- C) Quais são os principais meios de orientação? (sol, lua e bússola)
- D) O Oeste é o ponto cardeal situado do lado em que o sol se põe, por isso também é chamado de? (*poente, ou sol-poente*)

Após a brincadeira da bússola e da discussão dos conceitos de **Orientação**, o educador pode ampliar questões relativas à vestimenta e costumes do povo brasileiro, em relação ao espaço geográfico que ocupam no mapa. Portanto, no Nordeste e Norte do País, locais mais quentes, as pessoas costumam usar roupas mais confortáveis que muitas vezes são consideradas por nós como “ousadas” ou “inapropriadas”. No Sul, pela forte influência germânica, há um comportamento mais reservado e as **questões de gênero** são mais desiguais, já que os homens e mulheres tendem a ser conservadores na questão dos papéis sexuais. Lá também há mais frio e, portanto as pessoas durante o ano estão mais “cobertas” do que em outros locais.

A localização de moradia de uma pessoa, bem como a influência imigratória de um povo, modelam regras de conduta também no exercício da sexualidade.

O educador pode variar a brincadeira fazendo com que os alunos, cada qual com sua bússola, andem pela sala ao som de uma música e ao parar a música devem também parar onde estão e encontrar o colega que está ao Sul, tomando a si como marco. A brincadeira pode continuar até explorar todos os Pontos Cardeais e Colaterais. Depois o educador pode perguntar aos alunos como foi se orientar na sala e poder encontrar alguém usando o aprendizado. Pode-se então trabalhar a importância da **Orientação** na vida das pessoas, não só na questão de localização, mas também em outros sentidos, como a Orientação sexual:



- ❑ Devemos nos orientar também quanto à nossa sexualidade;
- ❑ a sexualidade é fundamental para o bem-estar do ser humano e é inerente à vida de todas as pessoas;
- ❑ à medida que crescem, as crianças se tornam curiosas a respeito das transformações de seu próprio corpo e de sua sexualidade;
- ❑ a ausência de respostas a questões sexuais gera angústia e inquietação nos jovens;
- ❑ a nossa sociedade, o beijo, o abraço, o olhar e o toque são expressões de afetividade e de sexualidade;
- ❑ cada pessoa carrega valores sobre sexualidade também influenciados pela região onde nasceram;
- ❑ muitas vezes, na vida adulta, quando estamos envolvidos com outra pessoa, ela pode ter uma visão diferente da nossa em relação ao comportamento sexual;
- ❑ os conflitos relativos aos costumes regionais de cada um podem ser resolvidos com compreensão, diálogo e negociação.

**Ciências. Atividade 1. Trabalhando com a natureza e seus fenômenos – 4º ano (GONÇALVES, PALHAES, 2005, p. 88-89)**

Sugerimos ao professor de Ciências que após o ensinamento e dadas as atividades costumeiras para o aprendizado destes fenômenos da Natureza, amplie com seus alunos o significados simbólicos que costumeiramente associamos a

estes fenômenos na **relação com os outros** e brinque com eles. Para tanto inventamos a seguinte historieta:

[...] Ana Luiza era uma linda garota,  
que vivia fazendo experimentos.  
Acendia velas, esquentava água em panelas  
só para ver como sua mãe cozia os alimentos.

Atraída que só pela luz  
Passava horas observando o sol, as estrelas e os trovões  
o risco no céu que deixava os aviões,  
a mudança de posição dos girassóis.

Um dia, Ana Luiza andando distraída,  
Com a cabeça no “mundo da lua”  
tropeçou em frente a casa de Rogério, em sua rua  
ficando com a canela toda doída.

Rogério, que estava perto jogando bola  
veio correndo lhe ajudar,  
uniu os braços até contornar  
a cintura dela, lhe ajudando a levantar.

E como em todo experimento da moça,  
este foi parecido e bastante sério  
mas aconteceu sem ela ter provocado,  
Sentindo o calor dos braços de Rogério,  
seu corpo todo ficou eletrizado  
e como fosse um ímã, magnetismo puro,  
os olhos dela admiravam seu cabelo escuro,  
os olhos negros, os braços fortes,

Salva ela estava, mas e seu coração?  
Rogério foi combustível e ela comburente  
Uma combustão diferente,  
Dentro dela ocorreu.

### **Curto-circuito!!!**

Pior que faniquito quando  
coça a picada de mosquito!

De nada adiantou Ana Luíza se afastar,  
correr para casa sem agradecer ou perguntar,  
porque desde este dia, ela e o moço da mesma rua  
vem a luz da mesma lua  
e começam um para o outro a cantar:

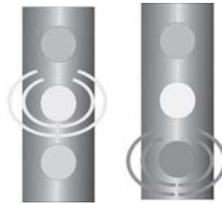
Cadê você menina linda, (Cadê você moço bonito),  
Que me surpreendeu, como um trovão,  
E feito raio riscou meu coração....  
(GONÇALVES, 2004, Comunicação pessoal)

É comum durante o 4º ano, que o entendimento de alguns fenômenos da natureza sejam inseridos no programa de Ciências, preparando para a entrada no Ciclo Médio, no ano seguinte. (MENEGHELLO, 1996, p. 55)

- 400
- A) A **eletricidade** estuda os fenômenos elétricos, produz a energia elétrica, tão necessária para nossa vida. A luminosidade artificial, o funcionamento de diversos aparelhos utilizados dentro de casa, bem como de outros que são necessários para o funcionamento de Hospitais, fábricas, escolas, semáforos de rua, etc. Há também os cuidados necessários com as descargas elétricas da natureza, os **raios** e com a intensidade da corrente elétrica que podem ser conduzidas pelos fios, para evitar **curto-circuito**.
  - B) O **Magnetismo** é a propriedade que os ímãs tem de atrair determinados materiais. Os ímãs podem ser naturais ou artificiais.
  - C) A **Combustão** é a queima de uma substância com produção de energia em forma de calor ou calor e luz. Para que a combustão aconteça são necessários três elementos: o combustível; o comburente; o calor inicial.
  - D) O **Calor** é a forma de energia transmitida de um corpo para outro, quando há diferença de temperatura entre os dois. Todas as pessoas sentem o efeito da mudança de temperatura produzida pelo calor ou por sua ausência, assim como objetos e materiais em geral, excetuando os chamados “térmicos” que são produzidos especialmente para manter o calor independente da temperatura externa, ou aqueles que são isolantes do calor e mantêm frio tudo o que está em seu interior.
  - E) A **Luz** permite ver as coisas que estão a nosso redor. Sem ela as plantas não conseguiriam produzir o próprio alimento e a renovação de oxigênio

tão importante para toda a vida terrestre, estaria condenada. O sol e as estrelas são corpos luminosos porque produzem a luz que emitem. Há outros corpos luminosos que produzem luz somente quando estão acesos, como o fósforo, o lampião, as velas e as lâmpadas. Os corpos iluminados não produzem luz mas a refletem, e por isso podem ser vistos. A luz do sol é uma mistura de várias cores: vermelha, alaranjada, amarela, verde, azul, anil e violeta.

Esta atividade mostra às crianças que muitos fenômenos da natureza acabam sendo utilizados para dar sentido a outros fenômenos que ocorrem nas pessoas, que utilizamos expressões ou conceitos para simbolizar **sentimentos e emoções**. Aqui o professor pode explorar algumas destas idéias:



- ❑ O magnetismo pode ser também a atração entre dois seres humanos;
- ❑ a sexualidade é inerente a vida de todas as pessoas;
- ❑ na nossa cultura, o beijo, o abraço, o olhar e o toque são expressões de afetividade e de sexualidade que envolve as relações interpessoais.
- ❑ à medida que as crianças crescem, se tornam curiosas a respeito da sexualidade;
- ❑ tocar e beijar podem provocar sensações agradáveis que no início parecem resultar em sensações novas;
- ❑ geralmente os namorados estão juntos porque gostam de trocar afagos e carícias e gostam da companhia um do outro. Isso acontecerá provavelmente quando as crianças ficarem um pouco mais velhas e sentirem essa necessidade de estar ao lado do outro, mais do que sentem hoje com os amigos e a família.

**Matemática. Atividade 8. Por cento ou porcentagem - 4º ano** (GONÇALVES, PALHAES, 2005, p. 118-119)

O aprendizado da porcentagem facilita a compreensão do aluno a apurar a noção de quantidade. (MEIRELLES, MIRANDA, 1993, p. 157)

É muito interessante colocar aos alunos às porcentagens referentes à contaminação pelo vírus HIV, assim estaremos trabalhando o **Bloco 3 de Conteúdo:**



- ❑ Podemos usar a porcentagem para representar quantidade em diferentes atividades humanas,
- ❑ com base em pesquisas atuais, há uma grande porcentagem de mulheres portadoras do Vírus HIV;
- ❑ o vírus HIV é transmitido por transfusão de sangue ou por relações sexuais sem o uso do preservativo;
- ❑ além do Vírus HIV, as DST também são transmitidas através das relações sexuais;
- ❑ são consideradas DST: gonorréia, sífilis, Clamídia, cancro Herpes genital, entre outras;
- ❑ assim como o HIV, que provoca a AIDS, algumas DST são transmitidas da mãe infectada para o feto, durante a gestação ou durante o parto;
- ❑ crianças que nascem de mães infectadas, com HIV, podem ser ou não portadoras do vírus;
- ❑ a maior parte das crianças que nasce com HIV no sangue desenvolve a AIDS antes de completar 10 anos de idade;
- ❑ não é possível detectar se uma pessoa está infectada ou não pela aparência dela;

**História Atividade 3 - Lembranças de família – 3º ano (GONÇALVES, PALHAES, 2005, p. 63)**

À partir da visualização de retratos e ilustrações das famílias brasileiras durante vários momentos da nossa história (SCHMIDT, 2001, p. 121-4), os alunos vão podendo conceber uma noção mais clara de como as dinâmicas familiares se estruturam à partir dos valores e situações de cada época, como se modificam com a evolução e desenvolvimento do povo e do quanto o modo de viver de nossas famílias nos influenciam sobremaneira.

Sugerimos que o professor peça aos alunos que tragam fotos onde sua família está reunida por algum motivo que julga especial para a família. O professor pode delimitar a quantidade de fotos por aluno, cada uma de épocas diferentes, inclusive pedindo uma foto mais antiga, quando seus pais estavam com os avós, por exemplo, e uma mais recente. Depois, cada aluno deve, em uma cartolina, montar a História de sua família e apresentar para a classe. O professor deve auxiliar os alunos no trabalho, inclusive para que zelem pelas fotos que são valiosas recordações.

Depois, o professor pode trabalhar com as diferenças que apareceram na classe, como cada família é única, e ainda abordar as seguintes questões sobre a **família de hoje**:



- ❑ A família na época atual, não é a mesma que antigamente;
- ❑ atualmente a maternidade/paternidade não é mais atributo do casal, e sim de um de seus pares, podendo uma mulher resolver ter e cuidar de um filho sozinha;
- ❑ a maioria das mulheres e dos homens que trabalham fora continua a fazê-lo depois que se casam;
- ❑ divergências entre o casal podem gerar a separação entre ambos;
- ❑ os filhos não são responsáveis pela separação de seus pais;
- ❑ os filhos não são capazes de fazer com que seus pais, voltem a viver juntos novamente;
- ❑ embora os filhos se entristeçam, às vezes é melhor que os pais vivam vidas independentes, porque assim não se agridem e podem tentar ser felizes com outras pessoas.
- ❑ muitas vezes, um dos cônjuges, constitui uma nova família, e os filhos acabam muitas vezes, se incorporando a ela.